

ELETRÔNICOS

Direito Internacional sem Fronteiras

IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NO BRASIL NO SÉCULO 21: Redistribuição e “territorialização da bolivianidade”

*BOLIVIAN IMMIGRATION IN BRAZIL IN THE 21ST CENTURY:
Redistribution and “territorialization of bolivianity”*

Juliana Carvalho Ribeiro 

Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO-UNICAMP).

Rosana Baeninger 

Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO-UNICAMP).

RESUMO: O objetivo deste artigo é debater sobre a imigração boliviana no Brasil no século 21, analisando detidamente o seu perfil, bem como a sua redistribuição pelo País — com a migração interna, a partir da capital de São Paulo e de outros municípios deste estado — e a consequente “territorialização da bolivianidade” em novos espaços — tomando como recorte espacial a Região Metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais (RMBH-MG). Inserida no Programa Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO-UNICAMP), a presente pesquisa examina, desta forma, características sociodemográficas e laborais desse fluxo, além de apresentar uma leitura territorial do seu alcance. Para embasar o debate proposto, foram combinadas a leitura de dados do SISMIGRA — Sistema de Registro Nacional Migratório do Departamento da Polícia Federal (Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra) — referentes ao período entre 2000 e maio de 2021, e a leitura qualitativa de entrevistas — realizadas, presencialmente, em junho e julho de 2019 e, remotamente, entre junho e novembro de 2020.

Palavras-chave: Imigração boliviana no século 21. Redistribuição espacial. “Territorialização da bolivianidade”. RMBH-MG.

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss Bolivian immigration to Brazil in the 21st century, taking a close look at its profile, as well as at its redistribution across the country — with internal migration, from the capital city of São Paulo and other municipalities of this state — and the consequent “territorialization of bolivianity” in new spaces — taking the Metropolitan Region of Belo Horizonte in Minas Gerais (RMBH-MG) as a spatial cut. Inserted in the Program Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO-UNICAMP), the present research examines, in this way, socio-demographic and labor characteristics of this flow, besides

presenting a territorial reading of its scope. To ground the proposed debate, the reading of data from SISMIGRA — Sistema de Registro Nacional Migratório do Departamento da Polícia Federal (Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra) — referring to the period between 2000 and May 2021, and the qualitative reading of interviews — conducted, in person, in June and July 2019 and, remotely, between June and November 2020 — were combined.

Keywords: Bolivian Immigration in the 21st Century. Spatial Redistribution. “Territorialization of bolivianity”. RMBH-MG.

1 INTRODUÇÃO

Eu vim aqui só por um tempo. Pra poder guardar um pouco de dinheiro [...] só que chegando aqui, era diferente, né? Os primeiros anos que não ganhava nada, por causa de ser imigrante [...] aí eu fui ficando.

Lorenzo¹

Ao relatar sua história, Lorenzo revela que o Brasil era apenas meio para que ele alcançasse um objetivo. Como nos ensina Baeninger *et al.* (2018), o Brasil não se apresenta como o país desejado por migrantes internacionais, mas é o país possível no âmbito da geopolítica global. Entender os atuais processos migratórios transnacionais exige ver o Brasil em seu novo papel geopolítico de destaque dentro das migrações Sul-Sul, que o coloca como país de trânsito, compondo os “novos espaços de circulação migratória” (PELLEGRINO, 2003). E um país de trânsito migratório compreende espaços que os próprios migrantes mobilizam para cumprir os seus projetos (BAENINGER *et al.*, 2018).

Desta forma, o Brasil é alcançado por migrantes latino-americanos em função, sobretudo, do *Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), Bolívia e Chile*. Este é um dos exemplos de aproximação de países em função do fortalecimento de blocos já existentes, o que possibilita a ampliação da integração regional e favorece a governabilidade migratória (MÁRMORA, 1997; 2003; 2010). A documentação atua intensificando a mobilidade de migrantes — contribuindo para o surgimento de novos espaços da migração (BAENINGER, 1999) e para a constituição de novas redes migratórias (BAENINGER; OLIVEIRA, 2014).

Foi assim que a fronteira brasileira se tornou transnacional — com todos os desafios inerentes a esta realidade, cujas respostas encontram-se no âmbito local. Baeninger (2012) revela a necessidade de entendimento dos processos migratórios contemporâneos em suas diferentes escalas — do âmbito global às manifestações locais. Ao possibilitar maior mobilidade das redes migratórias, a documentação permite o alcance do local pelo global — pelo espraiamento dos fluxos para distintas áreas do País, levando à “interiorização das migrações internacionais” (BAENINGER; OLIVEIRA, 2014). Esta tem sido a marca do fenômeno imigratório no Brasil no século 21.

Buscando atuar na governança dos fluxos migratórios que se espalham pelo País, observa-se a presença do Estado no direcionamento de alguns deles — como é o caso das migrações venezuelanas (BAENINGER *et al.*, 2018) e haitianas (BAENINGER *et al.*, 2016) —, o

¹ Nome fictício atribuído a um migrante boliviano. Mais detalhes sobre o processo das entrevistas são apresentados junto aos procedimentos metodológicos.

que contribui para o acesso dos seus sujeitos ao trabalho formal, mas as migrações bolivianas não são alcançadas por esta política. Seus sujeitos permanecem, na maior parte das vezes, no mercado informal, desprovidos de direitos trabalhistas. E, na ausência do Estado, quem norteia diretamente este fluxo é, sobretudo, a demanda do mercado da costura.

Foi este contexto que fez com que as migrações bolivianas buscassem o polo têxtil mineiro, que levou seus sujeitos a uma migração interna — saindo de São Paulo para se dirigirem à Região Metropolitana de Belo Horizonte-Minas Gerais (RMBH-MG) —, bem como criando um fluxo direto — da Bolívia para esta Região Metropolitana (RIBEIRO, 2021). O presente artigo tem como objetivo debater sobre a imigração boliviana no Brasil no século 21, analisando o seu perfil, a sua redistribuição pelo País e a consequente “territorialização da bolivianidade” (RIBEIRO, 2021) em novos espaços — tomando como recorte a RMBH-MG.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As reflexões acerca da presença de migrantes bolivianas e bolivianos no Brasil se embasou em dados do SISMIGRA — Sistema de Registro Nacional Migratório do Departamento da Polícia Federal (Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra). As tabulações foram feitas pelo Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/UNICAMP). As análises concernentes aos dados do SISMIGRA, apresentadas a seguir, compreendem o período entre 2000 e maio de 2021, trazendo, portanto, dados acerca de migrantes bolivianas e bolivianos que se registraram na Polícia Federal neste século 21.

Para alcançar o que pretende, a pesquisa precisa ir além da leitura dos dados. Como as migrações constituem um processo essencialmente dinâmico e em constante construção, entrevistas revelam-se eficiente e imprescindível recurso metodológico. A compreensão do espraiamento do fluxo boliviano, da sua interiorização e, sobretudo, da sua recente presença na RMBH-MG, exigiu, portanto, uma análise qualitativa fundada em entrevistas com os sujeitos da pesquisa, aplicadas em junho e julho de 2019, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (número do CAAE: 00710918.4.0000.8142). Recorreu-se, assim, à história oral, resgatada por entrevistas gravadas e transcritas. O processo contou com 25 entrevistas, quando percebeu-se a repetição de histórias contadas, o que indicou que elas eram suficientes para a análise qualitativa. Os encontros com bolivianas e bolivianos na RMBH-MG permitiram a compreensão da essência desse fenômeno migratório recente — a apropriação de partes deste território pelos sujeitos da pesquisa, as redes acessadas por eles para chegarem até este recorte, as suas trajetórias migratórias, as dificuldades encontradas pelo caminho, a criação de identidades e a produção de territorialidades — o que sustenta as reflexões apresentadas neste artigo.

Trechos destas entrevistas foram aqui citados. É importante destacar que as transcrições respeitam as verbalizações, tendo sido realizadas de forma literal e direta. Todos os interlocutores receberam nomes fictícios e tiveram suas identidades preservadas. O gênero das pessoas entrevistadas também foi respeitado. Todas as informações sobre elas são fidedignas.

3 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DO FLUXO BOLIVIANO PARA O BRASIL NO SÉCULO 21: NÚMEROS E TENDÊNCIAS

Baeninger (2014) nos convoca a analisar os movimentos migratórios a partir de sua articulação escalar transnacional e é sob esta perspectiva que o presente artigo se propõe a

debater as migrações bolivianas para o Brasil neste século 21. Guarnizo, Portes e Haller (2003) conceituam *migrantes transnacionais* como aqueles que vinculam — física ou virtualmente — origem e espaço da migração (BAENINGER, 1999). E o Brasil tem o trânsito desses migrantes ampliado recentemente, sobretudo, em função da documentação, mais especificamente do *Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), Bolívia e Chile*².

Este acordo revela-se o principal amparo legal para a presença de bolivianas e bolivianos no País: analisando-se dados divulgados pelo SISMIGRA, observa-se uma importante concentração no Decreto nº 6.975/09 — que promulgou o mencionado *Acordo*. De 2000 a 2019, 90.967 dos 133.469 migrantes bolivianas e bolivianos registrados — 68,15% — encontravam-se amparados por este Decreto; e esta cifra é ainda maior no período subsequente — de 2020 a maio de 2021, ele ampara 3.169 dos 3.646 registrados — 86,92%.

A segunda maior frequência de amparo legal para bolivianas e bolivianos registrados pelo SISMIGRA entre 2000 e 2019 coube ao Artigo 7 da Lei nº 11.961/09. Ele define que, no prazo de 90 dias anteriores ao término da validade da CIE³, o migrante poderá requerer sua transformação em permanente, na forma do regulamento. 13.085 desses migrantes, ou 9,80% deles, declararam-se, no momento do registro, amparados por este Artigo. No período subsequente, porém, ele não mantém a sua relevância, provavelmente em função da pandemia, que suspendeu os atendimentos dos órgãos responsáveis pela regularização migratória no País.

Ao Artigo 75, inciso II, da Lei nº 6815/80 (Estatuto do Estrangeiro) e ao parecer 218/85 - CJ/MJ — que definem as condições nas quais o migrante não pode ser expulso do Brasil (regularização por cônjuge ou filho brasileiro) —, apresentaram-se vinculados, entre 2000 e 2019, 12.750 bolivianas e bolivianos — 9,55%. No período subsequente, porém, ele não mantém a sua relevância, provavelmente em função da promulgação da Nova Lei de Migração (Lei nº 13.445/17), a partir de 2017, que passa a atuar em substituição ao antigo Estatuto do Estrangeiro.

A importância desta Nova Lei se reflete nos dados do SISMIGRA referentes ao período de 2020 a maio de 2021, quando seus Artigos revelam-se frequentes entre os amparos legais que sustentam bolivianas e bolivianos no País. O Artigo 37 desta Lei, por exemplo, é o segundo amparo legal mais frequente neste período: ele responde por 245 dos 3.646 registros — 6,72%. Este Artigo disciplina a concessão de visto ou autorização de residência para fins de reunião familiar ao imigrante.

O terceiro amparo legal mais frequente para bolivianas e bolivianos registrados pelo SISMIGRA entre 2020 e maio de 2021 é o Decreto nº 6737/09, que promulga o *Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República da Bolívia para Permissão de Residência, Estudo e Trabalho a Nacionais Fronteiriços Brasileiros e Bolivianos*⁴. 100 desses migrantes — 2,74% — registraram-se amparados por este Decreto entre 2020 e maio de 2021. Ele também revelou-se presente no período anterior sob análise — entre 2000 e 2019 —, quando respondeu por 2.675 bolivianas e bolivianos — 2%.

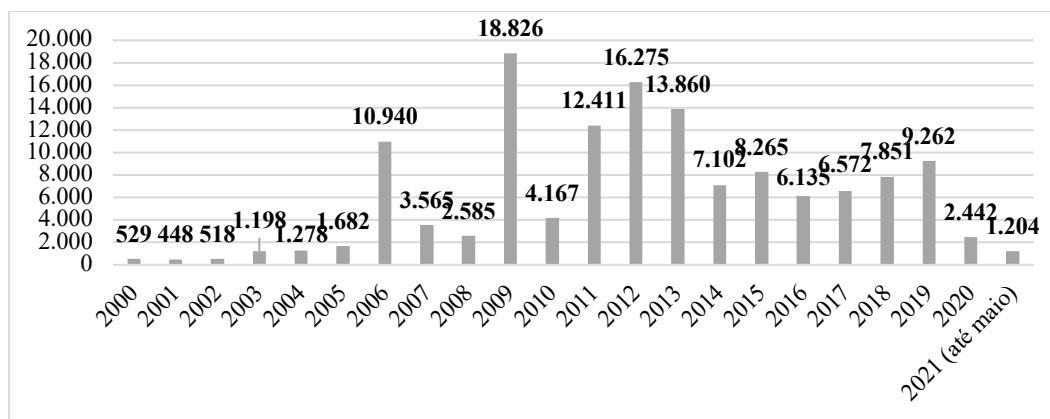
² Em 7 de outubro de 2009, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva decretou a execução e cumprimento deste acordo a partir do Decreto nº 6.975. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6975.htm. Acesso em: 24 out. 2022.

³ Antiga Carteira de Identidade de Estrangeiro que, após a Nova Lei de Migração — Lei nº 13.445/17 —, passou a ser conhecida como Carteira de Registro Nacional Migratório (CRNM).

⁴ Este Acordo foi celebrado em Santa Cruz de La Siera, em 8 de julho de 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6737.htm. Acesso em: 24 out. 2022.

Observa-se ainda que o ano de assinatura do *Acordo sobre Residência* tornou-se marco para a consolidação da imigração boliviana no Brasil: neste século 21, mais especificamente entre 2000 e maio de 2021, 137.115 migrantes provenientes da Bolívia foram registrados pelo SISMIGRA, sendo 18.826 só em 2009 — ano que concentrou 13,73% dos registros desses quase 22 anos. Antes disso, os números eram consideravelmente menores, excetuando-se o ano de 2006, quando Evo Morales assumiu a presidência da Bolívia e uma onda de protestos se iniciou no país. Os anos 2011, 2012 e 2013 mantêm grandes entradas, superiores a 10.000 registros. A partir de 2014, apesar de serem ainda números consideráveis, as entradas diminuem, já como reflexo da crise interna⁵ do Brasil. Finalmente, a partir de 2020, observam-se os efeitos da pandemia sobre as entradas desses migrantes (Gráfico 1).

Gráfico 1. Migrantes internacionais da Bolívia registrados (Registro Nacional Migratório - RNM) no Brasil entre 2000 e maio de 2021, segundo ano de registro.



Fonte: Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra. Tabulações: Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Os dados do SISMIGRA demonstram também que a população migrante proveniente da Bolívia que deu entrada no Brasil neste século 21 é majoritariamente adulta e que há importante participação de filhas e filhos de migrantes.

Partindo desta prerrogativa, é interessante observar as tendências de mudança de perfil a partir da comparação de dados mais recentes (2020 a maio de 2021) com os de anos anteriores (2000 a 2019), respeitando o recorte temporal sob estudo — o século 21. Primeiramente, destaca-se o envelhecimento desta população: considerável redução da faixa etária entre 15 e 25 anos — de 48,82% do total entre 2000 e 2019 para 38,54% entre 2020 e maio de 2021 —; também redução, apesar de mais discreta, da faixa etária entre 25 e 40 anos — de 31,80% do total entre 2000 e 2019 para 30,69% entre 2020 e maio de 2021 —; considerável aumento da faixa etária entre 40 e 65 anos — de 6,73% do total entre 2000 e 2019 para 11,05% entre 2020 e maio de 2021 —; e também aumento da faixa etária superior a 65 anos — de 0,73% do total entre 2000 e 2019 para 1,70% entre 2020 e maio de 2021.

⁵ Período histórico marcado pelo impedimento de Dilma Rousseff, que culminou em uma grave crise econômica, com reflexos diretos em diversos setores — como nas migrações. Souza (2017), em seu livro *A Elite do Atraso*, traz os pormenores desta crise, analisando suas raízes e consequências. Outra referência é a obra organizada pelas historiadoras Mattos, Bessone e Mamigonian (2016) — *Historiadores pela democracia – o golpe de 2016: a força do passado*.

Outro ponto é o ganho de importância da faixa etária entre 0 e 15 anos — composta por filhas e filhos de migrantes que nasceram na Bolívia e os acompanharam nos processos migratórios — de 11,92% do total entre 2000 e 2019 para 15,17% entre 2020 e maio de 2021.

Finalmente, ainda refletindo sobre a tendência de mudança de perfil dessa população, observa-se que ela é majoritariamente masculina, mas o sexo feminino vem ganhando importância: entre 2000 e maio de 2021 o SISMIGRA registrou 63.580 bolivianas e 74.437 bolivianos, mas as mulheres representavam 45,95% do total no primeiro período sob análise — 2000 a 2019 — e passaram a representar 50,88% no período mais recente — 2020 a maio de 2021.

Seguindo com o desenho do perfil da imigração boliviana no Brasil neste século 21, a análise da ocupação laboral demonstra a importância do grupo de funções “decorador, costureiro, alfaiate, modista, peleteiro, tapeceiro ou assemelhado” entre as diversas ocupações apontadas pelos sujeitos da pesquisa, o que é esperado, uma vez que o nicho da costura absorve a maior parte dessa população. Este grupo foi apontado por 60,58% do total de migrantes bolivianas e bolivianos registrados pelo SISMIGRA entre 2000 e 2019 — 80.853 dos 133.469 — e por 39,88% dos registrados entre 2020 e maio de 2021 — 1.454 dos 3.646. Uma provável hipótese para a queda do percentual entre os dois períodos é o impacto na economia em função da pandemia de COVID-19 — e a consequente queda da demanda por costura. Porém, apesar de o percentual de bolivianas e bolivianos abraçados por este grupo de ocupações ter sido drasticamente reduzido, ele é o que mais emprega os sujeitos da pesquisa em ambos os períodos sob análise.

Observa-se, por outro lado, aumento percentual da ocupação “Estudante” — grupo formado, em sua maioria, por filhas e filhos de migrantes nascidos na Bolívia e em idade escolar e que, em ambos os períodos, corresponde à segunda mais importante ocupação. Enquanto o SISMIGRA apontou que 11,66% de bolivianas e bolivianos que deram entrada no País entre 2000 e 2019 eram estudantes — 15.560 dos 133.469 —, entre 2020 e maio de 2021 esse percentual aumentou para 17,14% — 625 dos 3.646.

O grupo de ocupações “Vendedor ou empregado de casa comercial, comerciário, vendedor ambulante, vendedor a domicílio, jornaleiro, ou assemelhado” também observou aumento percentual. O ganho de importância pode ser contextualizado na crise provocada pela pandemia de COVID-19, quando este grupo passa a absorver bolivianas e bolivianos ocupados em trabalhos informais, sobretudo vendedores ambulantes e vendedores a domicílio. Enquanto ele respondia pela ocupação de 2,07% deles entre 2000 e 2019 — 2.759 dos 133.469 —, esse percentual passou para 7,19% entre 2020 e maio de 2021 — 262 dos 3.646.

Para além dos números mais recentes, é importante registrar que desde os anos 1980 a imigração boliviana para a costura constrói a sua história no Brasil (SILVA, 1997; 2003). Enquanto, em meados do século 20, estudantes e profissionais liberais deixavam a Bolívia por motivações políticas, econômicas ou profissionais (SILVA, 2006), nos anos finais desse século o fluxo passa a ser composto por trabalhadoras e trabalhadores antes empregados em minas e fábricas bolivianas, o que implica em uma força de trabalho de baixa qualificação que é absorvida, sobretudo, por pequenas oficinas de costura (AZEVEDO, 2005; BASSEGIO, 2004; CYMBALISTA; XAVIER, 2007; FERRETI, 2002; SILVA, 1997; 2006; KADLUBA, 2007).

4 SÃO PAULO-SP: PRINCIPAL PORTA DE ENTRADA PARA BOLIVIANAS E BOLIVIANOS NO BRASIL

Coração econômico e financeiro do País, São Paulo-SP atrai migrantes nacionais e internacionais — trabalhadoras e trabalhadores em busca de melhores condições de vida. A mobilidade da força de trabalho de baixa qualificação — como é a de bolivianas e bolivianos — revela as vantagens para o capitalismo em deslocar populações atendendo aos seus interesses. O desenraizamento e a desterritorialização tornam-se realidades contemporâneas e são, dialeticamente, produtores e produtos da superexploração da força de trabalho. Todo este cenário contribui para a reorganização da divisão territorial do trabalho, na qual a migração exerce um papel fundamental.

O atual fenômeno migratório internacional é marcado, desta forma, pela intensificação das migrações Sul-Sul (BAENINGER *et al.*, 2018; 2015; 2014; 2013; PHELPS, 2014), que seguem alcançando novos espaços. Neste processo, elas revelam “territórios circulatórios” (TARRIUS, 1993) — territorialidades produzidas pelos e nos circuitos transnacionais de populações migrantes, sendo uma expressão da necessidade de integração entre esses sujeitos que deixaram suas origens para serem força de trabalho e viverem suas vidas em terras distantes.

Seduzidos por promessas de melhoria das condições de vida, bolivianas e bolivianos são cooptados pela indústria têxtil. Sassen (1998, p. 56) explica que os processos migratórios são impulsionados e intensificados por “[...] compridas cadeias de subcontratação que ligam os trabalhadores [...] aos mercados globais”, e é este contexto que ampara a imigração boliviana no Brasil. Sul-coreanos se territorializam no Brasil a partir da superexploração do trabalho migrante boliviano: o território é brasileiro, o capital para investimento é sul-coreano e o trabalho é boliviano. Brasil, Coreia do Sul e Bolívia conformam uma tríade que espacializa esta relação no País nos limites da capital paulista — principal porta de entrada desses sujeitos no Brasil. Baeninger (2005, p. 87) ressalta que, “[...] apesar da crise econômica, São Paulo continuou sendo o maior polo de recepção da migração, bem como o ‘coração da economia nacional’”.

Chegando à capital paulista, na maior parte das vezes, migrantes bolivianas e bolivianos são levados para oficinas-cativeiros, e são obrigados a trabalhar longas jornadas diárias. Escondidos e proibidos de sair, têm os seus documentos confiscados, o que os priva de sua liberdade, configurando cárcere privado:

Eu mesma falavam que eu não podia sair pra rua, que a polícia ia me pegar, e eu era burra, burra! Não entendia, tinha medo. A gente fica trancado, você tá aprisionado, você tem que trabalhar assim. [...] tive sorte porque eu consegui, porque eles prendem tudo. Eles prendem toda a documentação. Tem gente que eles não saem de dentro da casa por anos. [...] Porque o patrão fala, que se você sai, você vai ser deportado. Eles ameaçam (Luna).

Muitos dos contratantes dificultam a regularização migratória desses sujeitos, o que facilita a superexploração da sua força de trabalho. Nessas condições, esses sujeitos têm constante receio de serem abordados e interrogados pela polícia, bem como de sofrerem deportação, o que os torna mais facilmente alvos de chantagem por seus empregadores. E, diante do grande número de migrantes que chegam a São Paulo-SP, a demanda por fiscalização do Ministério Público do Trabalho (MPT) se amplia e o déficit de auditores fiscais do trabalho

revela-se evidente. Neste contexto, a capital paulista segue concentrando o maior registro de denúncias de superexploração da força de trabalho boliviana, conjuntura que impele migrantes estabelecidos nesta metrópole a uma migração interna em busca de mais uma solução geográfica para fugir da vulnerabilidade extrema a que foram submetidos quando da sua chegada.

Soma-se à superexploração o próprio movimento do mercado da costura, principal norteador da migração interna dos sujeitos da pesquisa. Outras questões econômicas também podem ser implicadas: ao mesmo tempo em que o Brasil se destaca, nos primeiros anos deste século 21, na reconfiguração do cenário geopolítico global, a economia nacional sofre com a retração dos países centrais (HARVEY, 2011), e isto é sentido mais profundamente em São Paulo-SP, atingindo migrantes bolivianas e bolivianos e levando-os a procurar outros espaços para sua sobrevivência. O xenorracismo⁶ — sofrido mais intensamente em São Paulo-SP — também se apresenta como uma questão relevante. A saída de São Paulo-SP revela-se, desta forma, tentativa de rompimento com todos esses pontos:

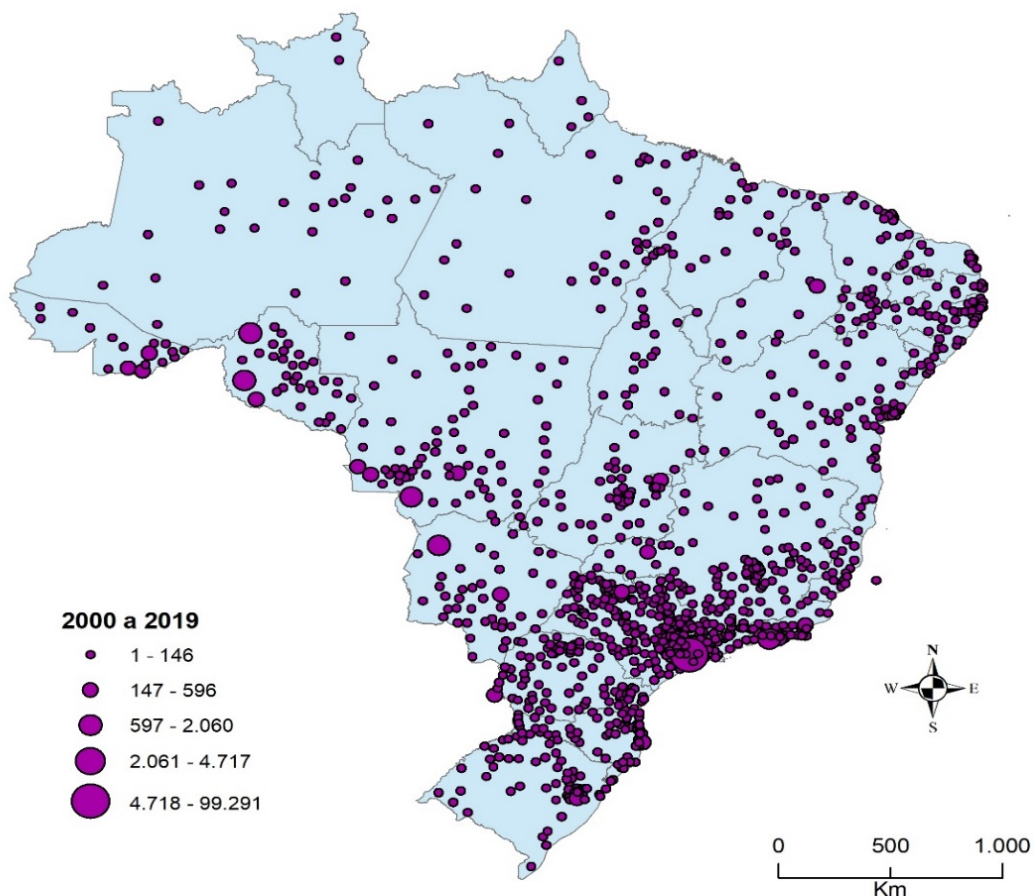
Mas não sabem o [...] tanto que nós trabalhamos! Tem vez que acordamos cinco da manhã e dormimos dez da noite. O tempo todo costurando... Não tem tempo para atender os filhos, não tem tempo pra nós [...] Lá mesmo em São Paulo era más corrido ainda! [...] Só que hoje em dia [após a saída de São Paulo] é muito mais melhor! Nosso trabalho fazemos pra nós mesmo! Porque nós não trabalhamos mais pra outras pessoas (Laura).

5 A PRESENÇA BOLIVIANA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL: MIGRAÇÃO INTERNA E REDISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

Entre 2000 e 2019, São Paulo-SP era o município de residência de 74,75% de bolivianas e bolivianos que chegavam ao País — ou 99.291 dos 133.469 — e, entre 2020 e maio de 2021, esta cidade passou a abrigar 56,99% deles — ou 2.078 dos 3.646. Tal realidade revela o espraiamento do fluxo e a conseqüente territorialização de espaços para além de São Paulo-SP. Ressalta-se que os fluxos migratórios contribuem sobremaneira para a conformação de espaços regionais e locais cuja concretude se deve, entre outros fatores, à presença desses sujeitos (Mapa 1).

⁶ Xenofobia e racismo são categorias diferentes, mas, para os sujeitos desta pesquisa — bolivianas e bolivianos na RMBH-MG —, há uma sobreposição entre elas. O conceito de *xenorracismo* foi amplamente discutido por Oliveira (2019) em sua tese de doutorado e a autora o traz para a realidade brasileira, inspirada nos autores Sivanandan (2001) e Fekete (2001), referências internacionais na luta pelos direitos de migrantes na Europa.

Mapa 1. Migrantes internacionais da Bolívia registrados (Registro Nacional Migratório - RNM) no Brasil entre 2000 e 2019, segundo município de residência.



Fonte: Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra. Tabulações: Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

A possibilidade de conquista de outros mercados é facilitada pela documentação, que garante maior mobilidade das redes migratórias. Na maior parte das vezes, tal como acontece com migrantes de outras nacionalidades, a nova etapa da migração de bolivianas e bolivianos ocorre, primeiramente, dentro do estado de São Paulo: “[...] a cidade de São Paulo [...] teria se transformado agora em área de circulação para uma parcela significativa da população migrante. O interior de São Paulo reforçou seu potencial de absorção migratória” (BAENINGER, 2005, p. 89).

Dentre os municípios do interior do estado que reforçaram este potencial para os sujeitos desta pesquisa, destacam-se Americana-SP e Nova Odessa-SP. Segundo relatos dos interlocutores, estas foram as cidades que tiveram maior capacidade atrativa, movimentando sujeitos a partir do movimento do próprio mercado da costura:

[...] tive uma oportunidade de sair para o interior [de São Paulo]. Pessoal que trabalhava com nós era um coreano. Que é eles que mexe com as roupa. [...] Então... o pessoal disse de ir pra lá. [...] era no interior de Campinas: Americana. Então, nós ficou lá um tempo lá. Uns dois años (Álvaro).

Antes de sair [do estado] de São Paulo, eu morei lá em Nova Odessa. Interior de São Paulo, né? [...] Lá, eu morei também no Americana, entendeu? (Diego).

Outros entrevistados já chegam ao Brasil para trabalhar no interior de São Paulo, não experienciando, desta forma, a vida na capital:

[...] só cheguei em São Paulo [...] e já fui pra Nova Odessa. Acho que é o interior de São Paulo [...] e fiquei lá uns cinco meses (Daniel).

A crise que se fez presente na capital paulista, porém, alcança esses lugares de trânsito no interior do estado. Álvaro implica a produção têxtil chinesa no processo, reforçando a imposição do mercado global da costura como contexto desses movimentos migratórios:

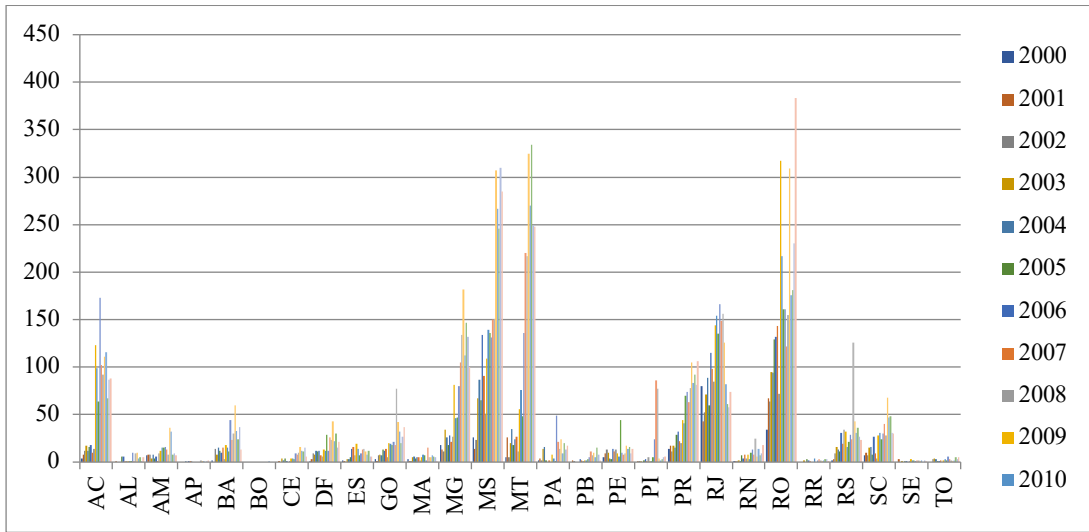
E depois começou aquela crise. Crise de tecido, da área têxtil [...] porque os chineses tinham importado as roupas já pronta, porque ficava mais barato. Então esse pessoal preferia comprar já pronta, e vender nas lojas. Então, entrou uma crise.

E, assim, novos lugares de trânsito apresentam-se como novos nós nas redes migratórias. Fugindo da crise que afeta a demanda pelo trabalho de migrantes bolivianas e bolivianos e buscando melhores rendimentos, os sujeitos da pesquisa são impelidos a continuarem seus processos migratórios rumo a regiões metropolitanas de outros estados. Nesse contexto, Minas Gerais apresenta-se entre os estados buscados pelos migrantes que vêm abandonando São Paulo (RIBEIRO, 2021).

Desconsiderando os números relativos ao estado de São Paulo⁷, pode-se observar com mais nitidez a importância de Minas Gerais e de outros estados para a imigração boliviana: os gráficos revelam, em ambos os períodos sob análise, a importância de estados que fazem fronteira com a Bolívia — Acre, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul — e, portanto, implicados na trajetória desse fluxo, bem como a recente — e em construção — importância de Minas Gerais para esses processos, cujo alcance cabe à interiorização dessas migrações (Gráficos 2 e 3).

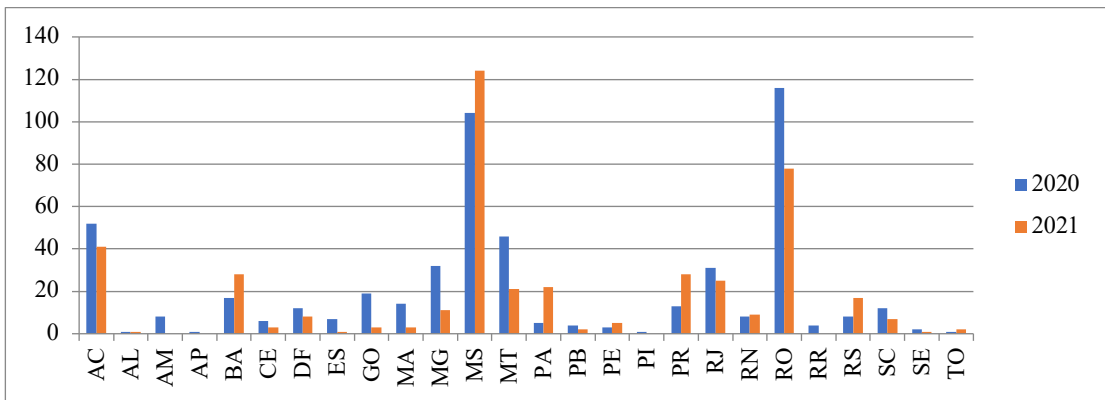
⁷ Optou-se por retirar da análise os dados relativos a São Paulo pela grande concentração de migrantes existente neste estado. Dessa forma, ao se desconsiderar os números relativos a ele — por apresentar-se como um extremo —, valoriza-se os demais dados e a sua visualização não fica comprometida, aprimorando a sua leitura.

Gráfico 2. Migrantes internacionais da Bolívia registrados (Registro Nacional Migratório - RNM) no Brasil entre 2000 e 2019, segundo ano de registro e UF de residência, e desconsiderando São Paulo.



Fonte: Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra. Tabulações: Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Gráfico 3. Migrantes internacionais da Bolívia registrados (Registro Nacional Migratório - RNM) no Brasil entre 2020 e maio de 2021, segundo ano de registro e UF de residência, e desconsiderando São Paulo.



Fonte: Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra. Tabulações: Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

6 A “TERRITORIALIZAÇÃO DA BOLIVIANIDADE” NA RMBH-MG: DESAFIOS E CONQUISTAS

Eliminar o racismo não significa demonstrar e se convencer de que os ‘outros’ não são diferentes de nós, mas compreendê-los e aceita-los em sua diversidade.

Umberto Eco

Eco (2020, p. 92-93; grifo do autor) mostra um caminho para a luta contra o racismo, mas o respeito às diferenças está ainda muito distante da prática, e o xenorracismo, sofrido mais intensamente em São Paulo-SP, vem contribuindo para levar os sujeitos desta pesquisa a buscarem outras perspectivas de vida na RMBH-MG. Polo mineiro da moda, Belo Horizonte-MG passa a atrair, neste século 21, bolivianas e bolivianos — sobretudo os que trabalham com costura, que veem neste recorte espacial uma nova possibilidade para o trabalho migrante, com melhores rendimentos em relação aos obtidos no estado de São Paulo, mesmo que esses ainda sejam baixos. Ademais, a RMBH-MG apresenta-se como uma “saída geográfica” encontrada por esse grupo social, que tenta romper com o ciclo de superexploração da sua força de trabalho naquele estado (RIBEIRO, 2021). O fato de São Paulo-SP e Belo Horizonte-MG terem articulação logística facilita o destaque da RMBH-MG: a distância entre essas metrópoles é curta e conta com variados meios de transporte, concretizando o recorte espacial desta pesquisa como novo espaço da migração (BAENINGER, 1999) boliviana no Brasil:

Isso foi 2007, 2008. Nessa época que começou a chegar muita gente [na RMBH-MG]! Igual eu, chegou muita! (Álvaro).

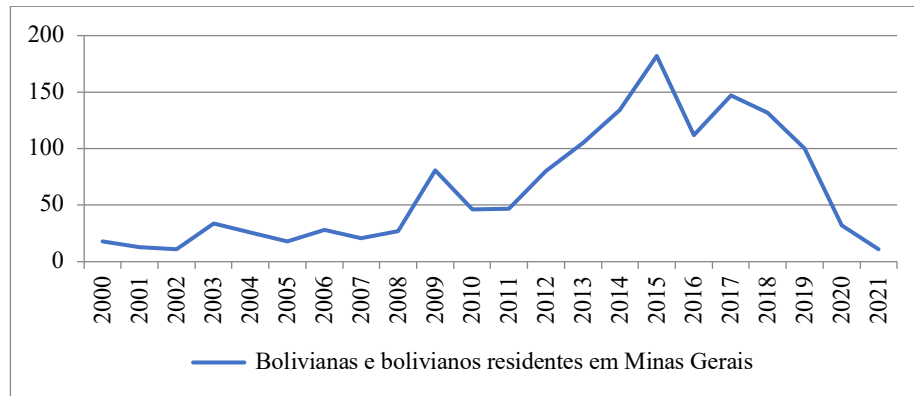
*Como eu estou há dez anos aqui [chegou na RMBH-MG em 2009], tinha pouca gente [...] Três oficinas que tinha [...] e depois chegaram muitos outros bolivianos... mas a maioria sim, migraram para São Paulo e de São Paulo para Belo Horizonte [...] **eles vieram porque aqui se ganha mais** (Miguel) (Grifo nosso).*

Quando eu cheguei em São Paulo, [...] fiquei lá três anos, trabalhando assim... escravo. [...] Aí eu não aguentei mais, eu saí... aí eu fui parar na favela de Osasco, né? [...] Morei no barraco três anos. Mas eu não conseguia alcançar meus objetivos e acabei saindo dali [...] conheci um amigo que trabalhava em Belo Horizonte... Acabei vindo pra cá (Iago).

A desterritorialização em São Paulo e a reterritorialização na RMBH-MG firmam a importância do estado de Minas Gerais para a rota da migração transnacional boliviana. Corroborando estes últimos relatos dos interlocutores, o gráfico a seguir evidencia a evolução do número de migrantes bolivianas e bolivianos residentes em Minas Gerais entre 2000 e maio de 2021. Analisando-o, é possível observar a considerável ampliação da presença desses sujeitos desde 2009 — a partir do *Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), Bolívia e Chile* — até meados de 2015, quando o crescimento sofre impacto da crise política e econômica interna — apesar de relativa e discreta

recuperação entre 2016 e 2017 —, bem como, posteriormente, da pandemia de COVID-19 (Gráfico 4).

Gráfico 4. Migrantes internacionais da Bolívia registrados (Registro Nacional Migratório - RNM) no Brasil com residência em Minas Gerais, entre 2000 e maio de 2021.



Fonte: Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMigra. Tabulações: Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Apesar dos impactos, a RMBH-MG vem se consolidando como novo espaço da migração (BAENINGER, 1999) boliviana e este processo tem como uma das suas vias as redes sociais. Anúncios já apresentam Belo Horizonte-MG como alternativa para migrantes bolivianas e bolivianos:

O amigo que trabalhava em São Paulo veio trabalhar aqui [na RMBH-MG]. Por causa dos anúncios que eles colocam. Falando que tá ganhando mais aqui do que ganha lá [em São Paulo]. Tem anúncio no Facebook, nas páginas de bolivianos. Agora não sei te falar um... Mas tem muito! E foi ele que me falou de Belo Horizonte. A maioria que vem para Belo Horizonte, mora em São Paulo. Porque a informação daqui está espalhando lá no São Paulo por causa dos anúncios (Iago).

São os próprios sujeitos da pesquisa que contribuem para propagar as vantagens da RMBH-MG e as informações destacadas por eles chegam, aos poucos, na Bolívia, aumentando a atratividade deste novo espaço da migração (BAENINGER, 1999) e incrementando a migração direta. As redes sociais e as redes migratórias, apesar de não estruturarem processos migratórios, revelam-se articuladoras e impulsoras desses fluxos. Tilly (1990) destaca o surgimento de novas redes a partir das anteriormente estabelecidas — processo que se revela fundamental para a formação de novos espaços da migração (BAENINGER, 1999). Apesar de ainda serem minoria e terem pouca representatividade, bolivianas e bolivianos na RMBH-MG que saíram do seu país com o objetivo de trabalhar e viver em Minas Gerais fizeram-se presentes entre os entrevistados:

[...] quién viene más ahora, más reciente, que a veces viene directamente. Pero pocas personas vienen directamente de Bolivia. Como yo... La mayoría, la mayoría de ellos, provienen de São Paulo. [...] Pero yo entré por Corumbá, y vine aquí. A Minas Gerais. [...] Este mi primo... Él ya vivía allí y me invitó a venir (Pablo).

Que yo sepa, todos vinieron de São Paulo... Eso es lo que me dicen ... Todos de São Paulo. Solo yo que no sé [proveniente de] São Paulo... [...] Vine directamente aquí, en Belo Horizonte. Directo. [...] Pasamos por São Paulo. Llegamos a São Paulo en un autobús, y un autobús nos trajo a Belo Horizonte. Directo aquí a Belo Horizonte, llegamos... Y este amigo mío que dijo venir aquí. También vivió en Americana, pero dijo que era mejor aquí. Llegamos directamente y me acostumbré (Eva).

Mi esposo dice que [São Paulo] es muy diferente. Porque él fue a São Paulo antes y nosotros nos quedamos en Bolivia. Después de que vinimos también. Y llegó a Minas Gerais. No fui a São Paulo. São Paulo tiene mucha esclavización. Aquí está mejor, gana más dinero. Es mucho mejor de lo que dijo mi esposo... Tienes que trabajar menos y ganar más por el trabajo (Rúbia).

Tendo como origem o estado de São Paulo ou a própria Bolívia, os sujeitos desta pesquisa vêm territorializando espaços metropolitanos periféricos. A compreensão da imigração boliviana se expressa na “territorialização da bolivianidade”, com dimensões que articulam o tripé periferia metropolitana-trabalho-moradia, incluindo o acesso a serviços básicos e lazer. Em Ribeirão das Neves-MG, os sujeitos da pesquisa concentram suas moradias e suas oficinas de costura, e vivem intensamente todas essas dimensões, incluindo o lazer — que se destaca com o uso da quadra Maura Pereira Andrade, no bairro Conjunto Henrique Saporì.

Trata-se da principal apropriação para os momentos de descanso — que acaba sendo muito mais do que descanso porque geradora de sentimentos e de vivências coletivas, em comunidade — e ocorre no espaço público deste município, configurando a “territorialidade quadra-mundo” (RIBEIRO, 2021) — termo elaborado para identificar, nomear e conceituar esse espaço apropriado por bolivianas e bolivianos para que pudessem vivenciar momentos nele e por meio dele. Ali, bolivianas e bolivianos na RMBH-MG reúnem-se e vivem o seu mundo, corroborando Santos (2004, p. 314), que grifa que o mundo expressa-se no cotidiano dos sujeitos através do lugar — “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”. Desta forma, o mundo dos sujeitos da pesquisa se expressa no seu cotidiano através deste lugar. A “territorialidade quadra-mundo” identifica e expressa a cada vez mais consolidada “territorialização da bolivianidade” na RMBH-MG (RIBEIRO, 2021) — construção conceitual desenvolvida a partir de evidências empíricas e teóricas acerca das práticas cotidianas migrantes e das relações de bolivianas e de bolivianos com porções da cidade, que tem os “espaços da bolivianidade” de Grimson (2006) como pressuposto teórico referência.

De acordo com o autor, esses espaços representam a união de migrantes bolivianas e bolivianos entre eles e com a origem, e sua produção vincula-se estreitamente à prática laboral na indústria têxtil. A “quadra-mundo” vai além. Ela mantém, sim, os sujeitos da pesquisa

conectados à origem e promove a reunião deles em comunidade, mas, para além disso, ela concretiza identidades, transformando aquele espaço em lugar pra eles, em abrigo. Ela significa, também, organização social, ocupação e apropriação do espaço público, imposição de poder e visibilidade, resistência. É na referida quadra que os sujeitos da pesquisa — morando ou não em Ribeirão das Neves-MG — fazem-se presentes e são notados pelos nacionais, conforme relato da liderança comunitária:

[...] eles têm uma participação muito boa na quadra! Você sabe onde é? [...] Eles vão lá toda sexta e sábado! Não tem um que não vai! Eles se encontram lá, se reúnem, e isso fortalece eles. Porque eles têm uma vida dura. Aí se divertem lá. A gente morre de rir deles, porque eles arrumam uma confusão, tudo misturado, menino, futebol (risos). Um dia eu fui ver como era eles lá na quadra e eu disse: ‘meu Deus do céu, eu não dou conta não, é muito pra mim!’ (Risos) (Ângela⁸).

Apesar da essência pejorativa captada nas entrelinhas — revelando um julgamento cultural —, a corporeidade é evidenciada e ela se mostra fundamental no processo. O corpo compõe a paisagem; ele se integra e dá identidade à paisagem. Os corpos de migrantes bolivianas e bolivianos estão e são paisagem e, a partir disso, territorialidades são produzidas e notadas por nacionais. Fortalecidos pelo aumento do número de sujeitos e, portanto, pela maior presença imposta, eles buscam ampliar a resistência a partir do encontro.

Desta forma, é a identidade boliviana que move os interlocutores da pesquisa para a quadra Maura Pereira Andrade. No processo de vivência do mundo no lugar (SANTOS, 2004), bolivianas e bolivianos na RMBH-MG estreitam as relações entre eles por meio das relações com e através da quadra, apropriando-se daquele espaço, vivenciando-o à sua maneira, tornando-o *lugar* para esses sujeitos, reconhecendo-o e se reconhecendo nele.

A quadra é abraçada pelos sujeitos da pesquisa, sobretudo, como resposta à exclusão imposta pelos nacionais. “Na interação território-sociedade, o território participa num sentido explicitamente relacional, tanto como ‘ator’ quanto como ‘agido’ ou ‘objeto da ação’” (COSTA, 2011, p. 12-13). Assim, aquele espaço público, apropriado e incorporado como lugar por bolivianas e bolivianos, aproxima e fortalece esses sujeitos, tornando-se, pouco a pouco e cada vez mais, o seu mundo. Acontece, ali, “[...] em analogia com a territorialização, a ‘lugarização’ [...] ‘Lugarizar’ significa atribuir sentido, na base de algum tipo de vivência — que não precisa ser direta, forte ou cotidiana” (SOUZA, 2013, p. 123-124; grifo do autor).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Temos guardado um silêncio bastante parecido com a estupidez...
Proclamação Insurrecional da Junta Tuitiva na cidade de La Paz,
em 16 de julho de 1809*

Este trecho da Proclamação Insurrecional da Junta Tuitiva na cidade de La Paz, capital boliviana, abre as páginas *de As Veias Abertas da América Latina*, de Galeano (2008). Como toda

⁸ Nome fictício atribuído à então líder comunitária do bairro Veneza, em Ribeirão das Neves-MG, para preservar a sua identidade. Ela foi entrevistada no mesmo contexto dos demais citados por esta pesquisa.

a América Latina, a Bolívia guardou em silêncio sua histórica expropriação, revelada por diferentes faces. Com um subsolo extremamente rico, o sagrado solo boliviano despertou a cobiça de homens brancos ditos civilizados — primeiro para exploração da prata, depois do estanho e, por último, do petróleo e do gás natural —, fazendo com que suas terras e seu povo fossem espoliados e massacrados. Neste contexto, grifa-se o genocídio de diversos povos indígenas que, quando não dizimados, foram — e continuam sendo — reduzidos a meros e muito baratos instrumentos de trabalho a serem superexplorados.

O presente estudo é um novo convite à quebra deste silêncio que esconde e tolera a expropriação das riquezas bolivianas e a superexploração de seu povo — silêncio denunciado a partir da Proclamação Insurrecional da Junta Tuitiva na cidade de La Paz há mais de duzentos anos, ainda tão atual, além de base para se pensar o futuro. Este estudo grita pelo fim da invisibilidade de bolivianas e bolivianos e luta contra o xenorracismo voltado para esses sujeitos migrantes que, a partir de suas práticas socioespaciais no território brasileiro, combatem essa realidade produzindo territorialidades. Finalmente, o presente estudo revela a presença boliviana contemporânea no Brasil neste século 21 e, mais especificamente, em um novo território — a RMBH-MG —, considerando as trajetórias percorridas até este recorte. Que possamos não apenas perceber essa população, mas conhecê-la, compreendê-la, respeitá-la, apoiá-la e ampará-la.

Como ainda não somos capazes de estabelecer relações nestes termos, os sujeitos da pesquisa seguem produzindo territorialidades. A migração é essencialmente uma questão política e produz espacialidade de disputa (SAYAD, 1998) e, por isso, esta categoria socioespacial — *a territorialidade* — apresenta-se como a melhor ferramenta para compreensão e a leitura da presença boliviana na RMBH-MG. Pela forma como são recebidos por nacionais, bolivianas e bolivianos se territorializam — agora e cada vez mais, também, neste recorte espacial —, buscando conquistar o que lhes é negado pela perversidade do cotidiano, nesta realidade tão desigual, permeada pelo abandono sócio-político. Produzir territorialidades é, portanto, a forma encontrada por essa população para que ela consiga se inserir no urbano, revelando-se resistência. E ela o faz a partir de diversas estratégias. Que ela consiga, desta maneira, ampliar a sua visibilidade na RMBH e, principalmente, o seu acesso aos direitos migrantes.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Flávio Antônio Gomes. **A presença de trabalho forçado na cidade de São Paulo: Brasil/Bolívia**. 2005. 68f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Economia e Administração da USP, Universidade de São Paulo, SP, 2005.

BAENINGER, Rosana (org.). **Migração internacional**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2013.

BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul**. 2. ed. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

BAENINGER, Rosana. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp; FAPESP; CNPq, 2012.

BAENINGER, Rosana. Migrações contemporâneas no Brasil: desafio para as políticas sociais. In: PRADO, E. J. P.; COELHO, R. **Migrações e trabalho**. Brasília, DF: Ministério Público do Trabalho, 2015. p. 79-86.

BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais no século 21: desafios para uma agenda de pesquisa. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE POBLACIÓN, 6., 2014, Lima, Perú. **Anais...** Argentina: ALAP, 2014.

BAENINGER, Rosana. **Região, metrópole e interior**: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes no Brasil – 1980/1996. 1999. 234f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

BAENINGER, Rosana. São Paulo e suas migrações no final do século 20. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, SP, v. 19, n. 3, p. 84-96, 2005.

BAENINGER, Rosana; OLIVEIRA, Gabriela. A interiorização das migrações internacionais: o caso dos bolivianos no Estado de São Paulo. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE POBLACIÓN, 6., 2014, Lima, Perú. **Anais...** Argentina: ALAP, 2014.

BASSEGIO, Luiz. A imigração latino-americana para o Brasil: o caso dos bolivianos em São Paulo. **Cadernos do CEAS**, Salvador, BA, n. 214, p. 51-59, 2004.

COSTA, Rogério Haesbaert. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2011.

CYMBALISTA, Renato; XAVIER, Iara Rolnik. A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, SP, n. 17, p. 119-133, 2007.
ECO, Umberto. Migração e intolerância. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FERNANDES, Duval *et al.* Imigrantes internacionais no estado de Minas Gerais e a pandemia de Covid-19. In: FERNANDES, D.; BAENINGER, R. (coord.). **Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil**: resultados de pesquisa. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020. p. 288-315.

FERRETI, Maritza. Direitos humanos e imigrantes. In: SALES, T.; SALLES, M. R. (org.). **Políticas migratórias**: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior. São Carlos, SP: EdUFSCar; Editora Sumaré, 2002.

FREITAS, Patricia Tavares. **Projeto costura**: percursos sociais de trabalhadores migrantes, entre a Bolívia e a indústria de confecção das cidades de destino. 2014. 413f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ. Por que a doença causada pelo novo vírus recebeu o nome de Covid-19? **Covid 19/Perguntas e Resposta**, Rio de Janeiro, RJ, 17/03/2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em: 07 mar. 2022.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 48. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2008.
GRIMSON, Alejandro. Etnicidad y clase en barrios populares de Buenos Aires. **Estudios Migratorios Latinoamericanos**, Argentina, v. 20, n. 60, p. 343-361, 2006.

GUARNIZO, Luis Eduardo; PORTES, Alejandro; HALLER, William. Assimilation and transnationalism: determinants of transnational political action among contemporary migrants. **American Journal of Sociology**, US, v. 108, n. 6, p. 1211-1248, 2003.

HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo, SP: Boitempo, 2011.

KADLUBA, Ruth Camacho. **A imigração na cidade de São Paulo: integração dos imigrantes na cidade como forma de combate à pobreza**. São Paulo, SP: Secretaria Especial para Participação e Parceria, Instituto Uniemp – Fórum Permanente das Relações Universidade/Empresa e Comunidade Européia, 2007.

MÁRMORA, Lélío. **Las políticas de migraciones internacionales**. Buenos Aires: OIM, Alianza Editorial, 1997.

MÁRMORA, Lélío. Modelos de governabilidad migratoria. La perspectiva política en América del Sur. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana – REMHU**, Brasília, DF, v. 18, n. 35, p. 71-92, 2010.

MÁRMORA, Lélío. Políticas migratorias consensuadas en América Latina. **Estudios Migratorios Latinoamericanos**, Buenos Aires, v. 17, n. 50, p. 111-142, 2003.

MATTOS, Hebe; BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz (org.). **Historiadores pela democracia: o golpe de 2016: a força do passado**. São Paulo, SP: Alameda Editorial, 2016.

PELLEGRINO, Adela. **Las migración internacional en América Latina y el Caribe: tendencias y perfiles de los migrantes**. Santiago do Chile: CELADE, 2003. (Serie Población y Desarrollo, n. 35).

PHELPS, Erin. South-South migration: why it's bigger than we think, and why we should care. **The Migrationist: A Collaborative International Migration Blog**, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://themigrationist.net/2014/02/06/south-south-migration-why-its-bigger-than-we-think-and-why-we-should-care/>. Acesso em: 29 nov. 2020.

RIBEIRO, Juliana Carvalho. **Migrações bolivianas**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, 2021. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacao/migracoes-bolivianas/>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Esquerdas do mundo, uni-vos!** São Paulo, SP: Boitempo, 2018.

SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial.** São Paulo, SP: Studio Nobel, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração:** ou os paradoxos da alteridade. São Paulo, SP: EdUSP, 1998.

SILVA, Sidney Antônio. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, SP, v. 20, n. 57, p. 157-170, 2006.

SILVA, Sidney Antônio. **Costurando sonhos:** trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo, SP: Paulinas, 1997.

SILVA, Sidney Antônio. **Virgem/Mãe/Terra:** festas e tradições bolivianas na metrópole. São Paulo, SP: Hucitec, 2003.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso:** da escravidão à Lava Jato. São Paulo, SP: Leya Casa da Palavra, 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2013.

TARRIUS, Alain. Territoires circulatoires et espaces urbains: différenciation des groupes migrants. **Annales de la Recherche Urbana**, Paris, n. 59-60, p. 51-60, 1993. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/aru_0180-930x_1993_num_59_1_1727.

VIEIRA, José Carlos. **A pandemia sob o olhar de Mia Couto:** “Outras virão. E irão requerer respostas mais robustas e globais”. Estado de Minas, Belo Horizonte, MG, 27/07/2020. (Fronteiras do Pensamento).

DADOS DO PROCESSO EDITORIAL

Recebido em: 28 de outubro de 2022;

Controle de plágio: 29 de outubro de 2022;

Decisão editorial preliminar: 06 de dezembro de 2022;

Retorno rodada de correções: -

Decisão editorial final: 06 de dezembro de 2022.

Editor: SÁ LEITÃO, A.I.B.L.

Correspondente: RIBEIRO, J. C.